

CONTRIBUIÇÕES ESPANHOLAS E FRANCESAS QUE PRECEDERAM A CHEGADA DA LIBRAS NO BRASIL

Anderson Gilberto Rocalsqui Soave¹

RESUMO:

A trajetória da Língua Brasileira de Sinais (Libras), desde suas raízes europeias até sua consolidação no Brasil, reflete um processo de influências pedagógicas, desafios políticos e resistência da comunidade surda. A pesquisa investiga as principais contribuições espanholas e francesas para a linguagem de sinais, considerando a atuação de figuras centrais como Pedro Ponce de León, Abade L'Épée e Eduardo Huet. Com base em uma abordagem qualitativa e exclusivamente bibliográfica, a investigação seguiu uma revisão narrativa de fontes históricas, artigos acadêmicos e documentos oficiais. Como resultado, identificou-se que os métodos de ensino desenvolvidos na Espanha e na França foram fundamentais para a formação da Libras, especialmente por meio da influência da Língua de Sinais Francesa trazida ao Brasil por Huet. Constatou-se também que a institucionalização da Libras no Brasil foi lenta e marcada por avanços legislativos apenas a partir do século XX. Conclui-se que a Libras é fruto de um processo histórico internacional e que seu reconhecimento e valorização no Brasil foram possíveis graças à atuação de educadores pioneiros e à mobilização contínua da comunidade surda.

Palavras-chave: Libras. História da educação de surdos(as). Eduard Huet. Espanha. França.

ABSTRACT:

The trajectory of Brazilian Sign Language (Libras), from its European roots to its consolidation in Brazil, reflects a process shaped by pedagogical influences, political challenges, and the resistance of the Deaf community. This research investigates the main Spanish and French contributions to sign language, focusing on the work of key figures such as Pedro Ponce de León, Abbé Charles-Michel de L'Épée, and Eduardo Huet. Based on a qualitative and exclusively bibliographic approach, the study followed a narrative review of historical sources, academic articles, and official documents. As a result, it was identified that the teaching methods developed in Spain and France were fundamental to the formation of Libras, especially through the influence of French Sign Language brought to Brazil by Huet. It was also found that the institutionalization of Libras in Brazil was slow and only gained legislative advances starting in the 20th century. It is concluded that Libras is the outcome of an international historical process and that its recognition and appreciation in Brazil were made possible by the efforts of pioneering educators and the continued advocacy of the Deaf community.

Keywords: Libras. History of Deaf Education. Eduard Huet. Spain. France.

¹ Artigo apresentado como requisito final de aprovação no Curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Nova Andradina, orientado pela Profa. Dra. Alessandra Bertasi Nascimento.

INTRODUÇÃO

A história da Língua Brasileira de Sinais (Libras) não pode ser dissociada da história da linguagem de sinais. E essa história, por sua vez, é marcada por desafios, contribuições de grandes nomes e conquistas tardias. As pessoas surdas sempre existiram, mas durante séculos foram tratadas como seres à margem da humanidade, destituídas da razão e classificadas como “pecadoras”, (Rocha; Silva, 2021).

O reconhecimento da comunidade surda na legislação brasileira ocorreu de forma tardia. Apenas em 1991, com a Lei nº 8.160 (Brasil, 1991), foi garantida a obrigatoriedade de placas com símbolos indicando acessibilidade para surdos(as) em espaços públicos. Em 2000, a Lei nº 10.098 (Brasil, 2000), estabeleceu a importância dos(as) intérpretes de Libras, um passo fundamental para garantir que surdos(as) pudessem acessar serviços básicos e direitos fundamentais sem depender da boa vontade dos ouvintes. Mas foi apenas em 2002, com a promulgação da Lei nº 10.436 (Brasil, 2002), que a Libras foi oficialmente reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no Brasil. No entanto, o verdadeiro marco da oficialização veio somente em 2005, com o Decreto nº 5.626, que regulamentou seu ensino e determinou a necessidade de formação de profissionais capacitados(a) em Libras para atuar em diversas áreas (Brasil, 2005). Ou seja, uma comunidade que existe há séculos precisou esperar até o século XXI para que sua língua fosse reconhecida pelo Estado brasileiro. E mesmo assim no entanto, apesar de esse arcabouço legal, muitos dos direitos previstos ainda não se traduzem em práticas concretas, e a comunidade surda segue enfrentando barreiras significativas de acesso, comunicação e educação, como a falta de intérpretes em serviços públicos, hospitais, delegacias, repartições que muitas vezes não têm profissionais em Libras, o que atrapalha diagnósticos, atendimento médico, jurídico etc.

Os números reforçam a importância de compreender essa realidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Pesquisa Nacional Por Amostra De Domicílio (PNAD) contínua de 2022, a população com 2 ou mais anos que possuem algum tipo de deficiência auditiva, chega a cerca de 18,6 milhões de brasileiros, cerca de 8,9% da população (IBGE, 2024). Mas falar da

comunidade surda significa falar de um universo muito mais amplo do que apenas aqueles que não ouvem. A cultura surda é composta por familiares, amigos, educadores, intérpretes e todos(as) aqueles(as) que participam de um ecossistema social e linguístico específico, que se estende muito além das limitações biológicas da audição. Como toda cultura, ela se reinventa continuamente, adaptando-se às circunstâncias históricas e políticas de acordo com Geilda Fonsêca De Souza (2018).

O objetivo geral deste artigo é apresentar e analisar as principais contribuições de estudiosos e educadores franceses e espanhóis para o desenvolvimento do que viria a se tornar a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma metodologia de cunho bibliográfico, baseada na pesquisa e análise de fontes que abordam o processo de formação da Libras no Brasil e a influência europeia nesse percurso.

Além da presente introdução e da conclusão, o artigo está organizado em quatro seções principais. A primeira seção, “Método de pesquisa”, apresenta a metodologia utilizada no trabalho, destacando os critérios de seleção e análise das referências bibliográficas. A segunda seção, “Contribuições espanholas”, aborda os principais nomes e iniciativas da Espanha que influenciaram a estruturação da linguagem de sinais que chegaria ao Brasil. A terceira seção, “Contribuições francesas”, discute as figuras e escolas francesas mais relevantes nesse processo. A quarta seção, “Eduard Huet e a chegada da linguagem de sinais no Brasil”, analisa o papel central de Huet na difusão e consolidação da linguagem de sinais no país. Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências utilizadas.

MÉTODO DE PESQUISA

O levantamento bibliográfico inicial foi conduzido com o objetivo de responder às duas perguntas norteadoras da pesquisa: a) Quais foram as contribuições espanholas e francesas para a linguagem de sinais? e b) Como a linguagem de sinais foi introduzida no território brasileiro? Para tanto, realizou-se uma busca sistemática no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com acesso viabilizado por meio da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe). Os descritores utilizados de forma isolada ou combinada foram: “historicidade”, “Libras”, “Eduardo Huet”, “Pedro Ponce de Leon”,

“linguagem de sinais”, “origem”, “Abade L’Épée” e “história”. Foram encontrados 10 mil trabalhos.

Para a seleção das fontes, foram incluídos artigos que tratassem da historicidade da linguagem de sinais, destacassem contribuições relevantes de figuras históricas, abordassem a trajetória da linguagem até o Brasil e detalhassem influências espanholas e francesas. Foram excluídos textos que só apresentassem biografias, obras ou temas paralelos, ou que não apresentassem cronologia, historicidade ou explicassem a evolução e chegada da Libras ao Brasil.

A partir desses critérios, foi realizada a seleção das fontes. Inicialmente, a seleção ocorreu por meio da leitura dos títulos e resumos dos artigos encontrados, aplicando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Esse procedimento permitiu filtrar aqueles resultados que apresentavam pertinência com o objeto de estudo. Após a triagem, foram selecionados três artigos que atenderam plenamente aos critérios definidos e foram incluídos na análise, conforme apresentado na Quadro 1.

Quadro 1 - Artigos incluídos no estudo após aplicação dos critérios de seleção

Autores	Título	Ano de publicação
Lilian Cristine Ribeiro Nascimento	Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier	2006
Angélica Niero Mendes Dos Santos; Cássia Geciauskas Sofiato	A educação de surdos no Século XIX e a circulação da Língua de Sinais no imperial Instituto de surdos-mudos	2021
Rogers Rocha; Diego Machado da Silva	Efeitos históricos na educação de surdos no Brasil	2021

Fonte: Elaboração própria a partir do **Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** (2025).

Nascimento (2006), no artigo “Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier”, traz uma análise do texto de Ferdinand Berthier, escrito em 1840, onde é possível analisar as diversas contribuições do Abade L’epée para a comunidade surda.

O artigo trata da antiga e ainda atual discussão sobre qual língua deve ser usada na educação de surdos(as): a língua oral (com o objetivo de inseri-los(as) na

comunidade ouvinte) ou a língua de sinais, própria da comunidade surda. Essa polêmica remonta às origens da educação dos(as) surdos(as) e é ilustrada através do texto de Ferdinand Berthier, surdo francês nascido em 1803, que foi aluno e depois professor do Instituto para surdos(as) de Paris, além de figura importante na defesa dos direitos dessa comunidade.

O artigo “Efeitos históricos na educação de surdos no Brasil” de Rocha e Silva (2021) analisa os efeitos históricos de concepções de linguagem na exclusão de pessoas surdas no Brasil. Com abordagem histórica e filosófica, os autores mostram como ideias antigas sobre linguagem moldaram práticas educativas excludentes e influenciaram a marginalização social dos(as) surdos(as).

A análise histórica destaca importantes contribuições para a educação de surdos(as) na Idade Moderna, monges como Melchor Sanches de Yebra pioneiramente ensinaram leitura e escrita a surdos(as), desafiando a ideia de que eram incapazes de aprender, e Pedro Ponce de León, monge beneditino espanhol, foi um dos primeiros a desenvolver um método sistemático, usando sinais rudimentares e um alfabeto manual, valorizando o potencial dos(as) surdos(as) e criando uma forma própria de comunicação visual.

No artigo “A educação de surdos no século XIX no Brasil, com foco na circulação da língua de sinais dentro do Imperial Instituto de Surdos-Mudos”, Santos e Sofiato (2021), apresentam os resultados de uma pesquisa de natureza qualitativa que utilizou fontes primárias como relatórios de ministros e diretores da instituição, identificando que, apesar de a língua de sinais não constar no currículo oficial da escola devido à predominância do oralismo, ela circulava entre professores(as), alunos(as) e funcionários(as), estando presente nas práticas pedagógicas e materiais didáticos. Conclui-se que, mesmo sem reconhecimento oficial, a língua de sinais estava presente na constituição das bases da educação de surdos(as) no Brasil desde o século XIX.

Além da análise dos três artigos principais selecionados, foram integradas à pesquisa outras obras que dialogam diretamente com os temas abordados, com o objetivo de aprofundar a compreensão histórica, teórica e pedagógica sobre a educação de surdos(as) e o desenvolvimento da Libras no Brasil. Algumas dessas referências foram localizadas por meio das indicações bibliográficas presentes nos

próprios artigos analisados, o que possibilitou expandir o universo de autores(as) e abordagens relacionadas.

Como o livro *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (Schwarcz, 1998) que apresenta uma análise da construção simbólica da figura de D. Pedro II no contexto do poder imperial brasileiro e a relevância de sua atuação para a história da Libras, que será aprofundada mais adiante neste trabalho.

O artigo “O Abade de L'Épée no Século XXI”, de Paulo Vaz de Carvalho (2012), recupera a vida e a obra de Charles-Michel de l'Épée, ressaltando sua relevância como precursor da educação pública de surdos(as) na França e no mundo, o autor reconstrói o contexto histórico em que l'Épée fundou, em meados do século XVIII, o primeiro instituto estatal para surdos(as) em Paris, enfatizando suas inovações metodológicas que consideravam sinais e gestos como veículo legítimo de ensino, em contraste com a tradição oralista predominante.

A tese “Inclusão de alunos surdos em Castilla-La Mancha (Espanha): reflexões para o contexto brasileiro”, de Daiane Natalia Schiavon (2017), discute os desafios e estratégias da inclusão de estudantes surdos(as) em escolas regulares espanholas, destacando a atuação dos(as) profissionais envolvidos(as), as práticas pedagógicas adotadas e as políticas educacionais implementadas. A obra também propõe reflexões sobre como as experiências espanholas podem contribuir para aprimorar a inclusão no contexto brasileiro, apontando ajustes importantes, como investir na formação de profissionais bilíngues, integrar a língua de sinais ao currículo desde as séries iniciais, adotar práticas bimodais de forma mais consistente e definir com clareza o papel do(a) intérprete em sala de aula.

O artigo “A educação de surdos no Brasil no século XIX e o legado de países europeus” de Sofiato, Carvalho e Coelho (2021), analisa a influência europeia, especialmente do Instituto de Surdos de Paris, na formação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos no Brasil, fundado em 1857. A pesquisa mostra que o Brasil adotou práticas pedagógicas, currículos e materiais didáticos europeus, sem buscar uma identidade nacional própria para a educação de surdos(as). A instituição brasileira seguiu principalmente o modelo francês, mesmo após a independência do Brasil, reproduzindo discursos médicos e assistencialistas comuns aos institutos europeus do século XIX.

Além dos artigos analisados, foram integradas ao trabalho legislações brasileiras fundamentais para a compreensão da trajetória dos direitos linguísticos e da inclusão das pessoas surdas no país. O Decreto nº 5.626 (2005) foi essencial por regulamentar a Lei nº 10.436 (2002), tratando da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas, além de estabelecer diretrizes para a formação de professores(as) e o uso de Libras na educação. A Lei nº 10.098 (2000) contribuiu ao estabelecer critérios básicos para a promoção da acessibilidade, reforçando o direito à comunicação plena e à inclusão. Já a Lei nº 8.160 (1991), ao instituir um símbolo de identificação para pessoas com deficiência auditiva, reforça o reconhecimento social e institucional da surdez, sendo um marco importante na luta pelos direitos das pessoas surdas.

Os estudos mostram que a consolidação da linguagem de sinais no Brasil decorreu de influências espanholas e francesas, especialmente de Pedro Ponce de León e do Abade L'Épée, que estruturaram práticas pedagógicas e influenciaram a criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos e o reconhecimento legal da Libras.

Por outro lado, os trabalhos também evidenciam desafios persistentes, como a tensão entre oralismo e língua de sinais, a forte dependência de modelos estrangeiros e a carência de políticas plenamente adaptadas ao contexto brasileiro. A formação de profissionais bilíngues, a integração da Libras ao currículo e o fortalecimento da cultura surda permanecem como pontos-chave para superar obstáculos históricos e avançar na inclusão educacional.

CONTRIBUIÇÕES ESPANHOLAS

Pedro Ponce de Leon (1520-1584) é frequentemente aclamado como “o primeiro professor de surdos da história”, um título que, embora amplamente difundido, é alvo de controvérsias (Nascimento, 2006). Atribuir-lhe tal pioneirismo ignora a existência de registros anteriores sobre o ensino de surdos(as) e o uso da linguagem gestual, os quais já apareciam Joachim Pascha e Jérôme Cardan (Nascimento, 2006). Um exemplo notável é o livro *Refugium Infirmorum*, do monge Melchor Sánchez de Yebra (1526-1586), que já apresentava um alfabeto manual para a comunicação com surdos(as), alinhando-se às práticas educacionais que se desenvolviam nos mosteiros europeus no período (Schiavon, 2017).

Há registros e referências à surdez desde a Antiguidade, como as afirmações de Aristóteles, em 355 a.C., que sustentavam a ideia equivocada de que os(as) surdos(as) eram incapazes de raciocinar, a raiz de um preconceito que perdurou por séculos e influenciou profundamente a exclusão sistemática dessas pessoas dos espaços de educação e cidadania (Rocha; Silva, 2021). Além disso, há menções a indivíduos surdos em passagens bíblicas do século V d.C., reforçando que essa condição sempre esteve presente na sociedade e foi alvo de diferentes interpretações, ora de compaixão, ora de estigma (Rocha; Silva, 2021). Esse longo histórico de discriminação e subestimação intelectual foi desafiado por pensadores(as) e educadores(as) ao longo dos séculos, e, nesse contexto, o monge Pedro Ponce de Leon surge.

A contribuição de Pedro Ponce de Leon para a educação de surdos(as) na Espanha do século XVI foi inegavelmente significativa, ainda que envolta em complexidades e limitações próprias de seu tempo (Schiavon, 2017). Como monge da Igreja Católica, Ponce de Leon fundou uma escola voltada exclusivamente para a instrução de jovens surdos(as), mas seu acesso era restrito a filhos(as) da nobreza e a indivíduos de famílias economicamente privilegiadas. Esse recorte social sugere que a motivação para o ensino dos(as) surdos(as) não era apenas pedagógica ou filantrópica, mas também econômica e estratégica, uma vez que garantir a alfabetização desses(as) jovens lhes permitiria preservar direitos sucessórios e manter a influência política de suas linhagens. Diversos autores da época reconheceram e registraram o trabalho de Ponce de León, como os beneditinos Juan de Castañiza e Benito Feijóo, e os jesuítas Juan Andrés y Morell e Lorenzo Hervás y Panduro. Esses autores defendem que a Espanha teve papel central no desenvolvimento da educação de surdos(as) na Europa (Schiavon, 2017).

Desde muito tempo, a linguagem através de gestos, foi utilizada não somente por pessoas surdas, mas também por monastérios e monges, há historiadores(as) que especulam que sua abordagem de ensino pode ter sido influenciada pelos votos de silêncio adotados por sua ordem monástica, o que teria facilitado a concepção de um sistema baseado em gestos (Schiavon, 2017).

Pedro Ponce de León, a partir do século X, com base nos trabalhos do monge beneditino italiano Guido de Arezzo (990–1050), adaptou o sistema musical criado por Guido — conhecido como "mão musical" ou "escala guidoniana" — substituindo as notas por letras. Ele utilizou esse novo código como uma estratégia

pedagógica em seu trabalho com pessoas surdas, tornando possível a comunicação e a aprendizagem musical mesmo com as limitações auditivas (Schiavon, 2017).

A criação desse alfabeto manual abriu caminho para que outros educadores aprimorassem as técnicas de ensino. Entre eles, destaca-se Juan Pablo Bonet (1579-1629), que não apenas continuou a propagar os ensinamentos de Ponce de Leon, mas também introduziu novos métodos, integrando a oralização ao processo de aprendizado (Schiavon, 2017). Foi nesse contexto que surgiu uma das figuras mais relevantes para a valorização da língua de sinais: o francês Abade Charles-Michel de L'Épée, conhecido como "O pai dos surdos" e "São Vicente de Paula dos surdos" (Nascimento, 2006).

CONTRIBUIÇÕES FRANCESAS

Charles-Michel de L'Épée (1712-1789) nasceu em Versalhes, França, e, desde jovem, demonstrou uma inclinação intelectual que o levou a se formar em teologia e filosofia aos 17 anos. Seu desejo de tornar-se padre, no entanto, foi frustrado por divergências doutrinárias com a Igreja Católica, o que o impediu de receber a ordenação sacerdotal, concedendo-lhe apenas o título de abade, inicialmente reservado aos monges, mas que posteriormente passou a ser atribuído a clérigos e superiores religiosos (Vaz, 2012). Conhecido por sua generosidade e compromisso com os menos favorecidos, L'Épée financiou a maioria de seus projetos com recursos próprios, sendo um dos pioneiros na criação de uma abordagem educacional voltada especificamente para os surdos(as) (Vaz, 2012).

A virada em sua trajetória ocorreu quando conheceu duas irmãs gêmeas surdas que estavam sob os cuidados do padre Vanin, seu amigo próximo. Com a morte de Vanin, a tutela das meninas passou para L'Épée, que, influenciado por essa experiência, deu início a um projeto pedagógico voltado ao ensino da comunicação para surdos(as). Em meados de 1750, ele já havia estabelecido um abrigo onde ensinava métodos para ampliar a capacidade comunicativa dessas (Vaz, 2012). Em sua escola, o Instituto Nacional de Jovens surdos de Paris (originalmente Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris), uma das primeiras instituições do mundo a sistematizar o ensino para surdos(as), de acordo com seu livro *La véritable manière d'instruire les sourds et muets confinée par une longue experience*, L'Épée ensinava surdos(as) através de um método visual, prático e

sensível. Usava o alfabeto manual, objetos reais, gestos teatrais e jogos com cartões para criar conexões claras entre palavras e seus significados. Ele mostrava que os(as) surdos(as) podiam aprender linguagem e gramática de forma eficaz, desde que fossem ensinados por meios apropriados ao seu modo de perceber o mundo (Vaz, 2012).

O abade L'Épée teve seu legado amplamente reconhecido em vida, publicando três obras principais: *Institution des Sourds-Muets par la voie des signes méthodiques*, relatando os primeiros sucessos com a Língua Gestual Metódica; *Dictionnaire des Sourds-Muets*, não publicado em vida; e *La véritable manière d'instruire les sourds et muets confinée par une longue expérience*, um tratado sobre sua filosofia educacional e visão da comunidade surda (Vaz, 2012). Faleceu em 23 de dezembro de 1789, sendo reconhecido pelo destaque de seus(as) alunos(as) na sociedade francesa, ganhando o lema “O abade foi o pai da LSF”. Em 1791, a Assembleia Nacional de Paris concedeu-lhe o título de “Benfeitor da humanidade” e declarou que os(as) surdos(as) possuíam os mesmos direitos da “Carta dos Direitos do Homem e do Cidadão” (Vaz, 2012). Seu método influenciou gerações de educadores(as), sendo aperfeiçoado por seu discípulo abade Roch-Ambroise Sicard, que continuou a propagar o ensino e criou uma segunda escola para surdos em Bordeaux, em 1786, após ser enviado a Paris para dar continuidade à escola de L'Épée (Sofiato; Carvalho; Coelho, 2021; López, 2018).

Sicard realizava exercícios mensais com seus(as) alunos(as), esses encontros atraíam um público seletivo e influente, inclusive de outros países. As apresentações tinham um tom performático, com o uso de diversos equipamentos na sala de aula, o que encantava os(as) visitantes, embora muitas vezes o interesse do público estivesse ligado à curiosidade sobre a deficiência, e não ao ensino em si (Sofiato; Carvalho; Coelho, 2021). Após sua morte, em 1822, seu legado foi reconhecido, mas a qualidade do ensino dos(as) surdos(as) caiu bastante, não havia mais controle nem padrão nos métodos de ensino, e cada professor(a) passou a ensinar do seu próprio jeito. Isso marcou o fim da era dos abades — figuras religiosas na liderança da educação de surdos(as) — e a administração das escolas passou a ser feita por leigos, ou seja, pessoas sem vínculo religioso (Sofiato; Carvalho; Coelho, 2021).

Segundo Vaz (2012), as principais contribuições de L'Épée para a comunidade surda incluíram a criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos em

Paris, o reconhecimento dos(as) surdos(as) como seres humanos por meio da valorização de sua língua, a transição da educação individual para a coletiva, a percepção de que o tempo gasto ensinando a falar devia ser usado na educação, e demonstrações públicas em que surdos(as) se comunicavam em Língua Gestual e respondiam por escrito a nobres, filósofos e educadores.

EDUARDO HUET E A CHEGADA DA LINGUAGEM DE SINAIS AO BRASIL

Eduard ou Eduardo Huet (1809-1892) nasceu na França e, aos doze anos, começou a perder a audição, mas rapidamente tornou-se fluente na Língua de Sinais Francesa, além de dominar outros idiomas, incluindo o português. Sua trajetória de vida foi marcada por uma notável capacidade de adaptação e um profundo compromisso com a educação dos(as) surdos(as). Casou-se com uma alemã e, posteriormente, mudou-se para Portugal, onde conquistou reconhecimento e prestígio por seu trabalho educacional voltado para a comunidade surda. Seu conhecimento e experiência no ensino de surdos(as) chamaram a atenção da corte brasileira, levando Dom Pedro II a convidá-lo para o Brasil em 1855 (Souza, Vitório, Novais Souza, 2022).

Ao chegar ao país, Huet apresentou a Dom Pedro II um relatório detalhado com um plano para a criação de uma escola dedicada ao ensino de surdos(as). Seu projeto baseava-se nos métodos que já vinham sendo aplicados na França e em outros países europeus, seguindo a tradição educacional iniciada por L'Épée e consolidada por Roque Ambroise Sicard. Além disso, Huet estava atento aos avanços científicos e tecnológicos emergentes que poderiam auxiliar na comunicação e no ensino dos(as) surdos(as), uma perspectiva que, séculos depois, se mostraria alinhada às pesquisas sobre reconhecimento de sinais por sensores vestíveis e inteligência artificial (Santos; Sofiato, 2021).

Sua chegada ao Brasil foi um marco na história da educação de surdos(as) no país, pois, até então, não havia iniciativas estruturadas para oferecer um ensino especializado a essa comunidade. O reconhecimento da necessidade de uma escola voltada especificamente para surdos(as) foi um passo crucial na institucionalização da educação bilíngue no Brasil e na valorização da Língua de Sinais Brasileira, que se desenvolveria com forte influência da Língua de Sinais Francesa. Assim, Huet desempenhou um papel fundamental na disseminação de

métodos educacionais que dariam origem ao Instituto Nacional de Educação de surdos(as) (INES), cuja criação formal se daria poucos anos depois, consolidando sua influência na história da educação e dos direitos linguísticos da comunidade surda no Brasil (Santos; Sofiato, 2021).

Sobre a necessidade e importância dessa escola, Huet escreveu a Dom Pedro II um relatório detalhado, no qual enfatizava a urgência de um espaço dedicado ao ensino dos(as) surdos(as), destacando os benefícios sociais e educacionais que essa iniciativa traria ao país. Seu relatório dizia:

Seria desejável que se encontrasse um campo adjacente ao estabelecimento, e bastante vasto, para poder encerrar todas as espécies de Cultura. Eu não me associei com M. De Vassimon por falta de meios, E por que eu não tinha o local apropriado para as minhas visões. Espero a sanção de nossa obra pelo estado, propondo-me a pedir ao governo a concessão de um terreno suficiente, de fácil cultura com respeito à idade e a fraqueza das crianças, no qual será erigido um estabelecimento monumental para a Glória nacional, como o reino glorioso de vossa majestade (Huet, 1885, p. 2. In: Inês, 2023) ²

Em 1857, Huet apresentou duas opções a Dom Pedro II para a criação de uma escola para surdos(as). O colégio poderia ser particular, recebendo subsídios do Império para concessão de bolsas, ou público, com financiamento integral do governo. Inicialmente, Huet insistiu na primeira alternativa, mas, ao final, a decisão foi pela criação de uma instituição pública. Assim, em 1857, foi fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que permanece em funcionamento até a data da realização do presente artigo.

Dom Pedro II demonstrava grande apreço pelo Instituto e acompanhava de perto suas atividades, visitando frequentemente a instituição após o almoço e assistindo a aulas e exames (Schwarcz, 1998).

Esse envolvimento do imperador é descrito em diversas fontes da época. Como relata Schwarcz (1998, p. 489), "Sempre de jaquetão e à paisana, o imperador passeava pelas ruas, visitava colégios e ginásios, e presidia exames; conversava amigavelmente com visitantes estrangeiros". Em outro trecho, a autora destaca que, mesmo em momentos de tensão política, Dom Pedro II mantinha sua agenda de visitas institucionais: "Naquele ambiente protegido, a vida continuava, e o

² Parte da carta de 22 de junho de 1855, traduzida por Gustavo de Sá Duarte Barbosa. Disponível em:

[https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/carta-que-propos-criacao-da-primeira-escola-de-surdos\(as\)-no-brasil-completa-168-anos](https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/carta-que-propos-criacao-da-primeira-escola-de-surdos(as)-no-brasil-completa-168-anos).

monarca cumpria, após seu retorno, a antiga agenda de monarca: visitava escolas, examinava provas e percorria hospitais” (Schwarcz, 1998, p. 469).

Independentemente da motivação inicial para a criação do INES, seu impacto foi inegável. A fundação dessa instituição representou um marco na educação de surdos(as) no Brasil e garantiu avanços significativos para a comunidade surda, consolidando o trabalho iniciado por Huet e criando as bases para o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no país.

CONCLUSÃO

Os estudos de Nascimento (2006) e Schiavon (2017) foram fundamentais para compreender a importância do trabalho de Pedro Ponce de León no contexto da educação de surdos(as) no século XVI. Esses autores revelam que práticas pedagógicas envolvendo gestos e alfabetos manuais já existiam em monastérios europeus antes mesmo de Ponce de León, e que sua contribuição se destacou pelo uso sistemático da linguagem gestual no ensino de jovens surdos(as), especialmente de famílias nobres. Schiavon (2017) também destaca que a metodologia utilizada por Ponce pode ter sido influenciada por tradições monásticas, como os votos de silêncio e os sistemas musicais de Guido de Arezzo.

Já as contribuições francesas foram explicadas por Vaz (2012) e López (2018), que destacam a atuação de Charles-Michel de L'Épée na fundação do Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris e na criação de um método visual baseado em sinais. Vaz (2012) mostra que L'Épée estruturou o ensino para surdos(as) com base em gestos, objetos e associações visuais, e que sua atuação foi reconhecida pelo Estado francês. López (2018) mostra que seu sucessor, Sicard, deu continuidade ao método e ajudou a expandir o ensino de surdos(as) na França.

Quanto à chegada da linguagem de sinais ao Brasil, os estudos de Santos e Sofiato (2021) mostram que Eduardo Huet trouxe os métodos franceses para o país e propôs a criação de uma escola específica para surdos(as), o que resultou na fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em 1857. Schwarcz (1998) destaca que Dom Pedro II acompanhava de perto as atividades do Instituto, demonstrando apoio à causa da educação de surdos(as).

Dessa forma, a pesquisa permitiu compreender como as contribuições espanholas e francesas influenciaram diretamente o desenvolvimento da linguagem de sinais no Brasil. Também foi possível identificar os principais agentes desse processo e a importância de seus legados para a consolidação da Libras como língua e como ferramenta de inclusão social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, [...] e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, [2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 jun. 2023

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 5 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.160, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 9 jan. 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8160.htm. Acesso em: 5 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pessoas com deficiência têm menor acesso à educação, ao trabalho e à renda**. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 16 out 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37317-pessoas-com-deficiencia-tem-menor-acesso-a-educacao-ao-trabalho-e-a-renda>. Acesso em: 2 jun. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (INES). **Carta que propôs criação da primeira escola de surdos no Brasil completa 168 anos**. Rio de Janeiro: INES, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/noticias/carta-que-propos-criacao-da-primeira-escola-de-surdos-no-brasil-completa-168-anos>. Acesso em: 5 jun. 2025.

LÓPEZ, A. Charles Michel de l'Épée, o pai da educação pública para surdos. **El País Brasil**, São Paulo, 24 nov. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/cultura/1543042279_562860.html. Acesso em: 11 jun. 2025

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MATO GROSSO. Cidadania incompleta: o impacto da falta de acessibilidade para surdos nas cidades. 09 jun. 2025. Disponível em: <https://www.mpmg.mp.br/portalcas/news/1013/160465/cidadania-incompleta-o-impacto-da-falta-de-acessibilidade-para-surdos-nas-cidades>. Acesso em: 11 out. 2025.

NASCIMENTO, L. C. R. **Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier**. ETD, Campinas, v. 07, n. 02, p. 255-265, mar. 2006. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922006000000024&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jun. 2025.

SANTOS, A. N. M; SOFIATO, C. G. A educação de surdos no século XIX e a circulação da língua de sinais no Imperial Instituto de Surdos-Mudos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, e286663, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/fZ8sBYL58YqWLPFTQkWNyqm/?lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SOFIATO, C. G; CARVALHO, P. V; COELHO, O. A educação de surdos no Brasil no século XIX e o legado de países europeus. **Rev. Educ. Questão**, Natal, v. 59, n. 59, e-23212, jan. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-77352021000100102&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 jun. 2025. Epub 18-Abr-2022. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2021v59n59id23212>.

SOUZA, R. C. S; VITORINO, A. F; NOVAIS SOUZA, A. A. **Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022. ISBN 978-85-8413-304-8. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Educacao-de-surdos.pdf>. Acesso em: 11 out. 2025.

SOUZA, G. F. **Relações familiares entre surdos e ouvintes: análise de narrativas biográficas**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296898405.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SCHIAVON, D. N. **Inclusão de alunos surdos em Castilla - La Mancha (Espanha): reflexões para o contexto brasileiro**. 2017. 358 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (Unesp) 2017. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/4365.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, p. 219, 1998.

ROCHA, R; SILVA, D. M. da. **Efeitos históricos na educação de surdos no Brasil: concepção de língua(gem)**. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 15, p. 150–162, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba2021515>. Acesso em: 16 jun. 2025.

VAZ, P. C. **O abade L'epée no século XXI**, 2012. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>. Acesso em: 24 jan. 2023.

